

# ESCOLA E LEITORES NO MARAJÓ DAS FLORESTAS - PRÁTICAS DE ENSINO E LEITURA EM SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA-PA

Alessandra da Silva Farias<sup>1</sup>  
Joel Pantoja da Silva<sup>2</sup>

## RESUMO

O presente estudo discute o ensino da leitura, a partir da percepção dos professores e alunos do 5º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, na cidade de São Sebastião da Boa Vista, no Marajó das Florestas-PA. Objetivamos analisar que práticas educativas norteiam a formação dos alunos do 5º ano enquanto leitores, assim como, compreender, considerando essa prática, a visão dos alunos como leitores. A metodologia utilizada baseou-se na pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Utilizamos questionário (com professores) e entrevistas (com alunos) como instrumento de coleta de dados. Analisamos as informações com fundamentação na perspectiva teórica freireana e dos estudiosos da linguagem que atuam no campo da leitura. Descobrimos com o estudo que o incentivo a formação de leitores na referida escola fica restrita ao exercício mecânico da leitura, voltando-se muitas vezes para atividades de interpretação de texto, muita prioridade para o conteúdo linguístico e pouco desenvolvimento das competências de leituras, em sala de aula, apesar dos esforços e práticas de ensino dos professores.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação; Leitura; Leitor; Marajó.

1 - Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Pará e professora da Rede Pública Municipal de Ensino de São Sebastião da Boa Vista-Marajó-PA.

2 - Mestre em Comunicação, Linguagens e Cultura pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

3 - Na pesquisa, por uma questão ética na coleta dos dados com os sujeitos resolvemos dar nomes fictícios aos educadores e alunos do 5º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta que concederam as narrativas para esta análise.

## Primeiras Palavras

Neste estudo, tratamos da pesquisa sobre prática de leitura no contexto da região amazônica, particularmente, no cenário marajoara, cuja concepção nessa investigação interpretou como Marajó dos Campos e Marajó das Florestas. Marcamos nosso lugar de fala nos situando na parte de rios e florestas para discutir as condições de prática e incentivo da leitura na cidade de São Sebastião da Boa Vista.

O interesse para estudar este tema partiu da necessidade de conhecer como ocorre a formação de alunos leitores, como a família e a escola estão adentrando nessa questão. A partir daí, como educadora do município de São Sebastião da Boa Vista, procuramos saber e nos dedicar a analisar com base em relatos de alunos, educadores e gestores como se pratica a leitura no ambiente escolar. Nesse caminho, algumas questões causaram estranheza, uma delas ao ouvir alguns alunos dizerem simplesmente que eles não gostam de ler ou a leitura não os deixavam entusiasmados em sala de aula.

Se por um lado, a relevância do aprendizado da leitura é inegável. Não encontramos teoria, nem mesmo propostas práticas, que neguem a importância do aprender a ler e todas as suas implicações em termos do desenvolvimento escolar. Por outro, a preocupação com a formação de leitores pauta-se no direito à leitura como instrumento de cidadania.

Desta maneira, reconhecer o papel fundamental nesse processo significa dizer que uma das principais missões atribuídas à escola é exatamente a de formar leitores competentes. Assim, apresentamos o local da pesquisa, Escola de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta situada no bairro do Aeroporto, Cidade Nova, em São Sebastião da Boa Vista. A pesquisa foi realizada com quatro alunos<sup>3</sup> do 5º ano (“B” e “C”) da escola, com idade entre 13 a 16 anos, duas professoras que compõem o quadro docente. Objetivamos analisar que prática educativa norteia a formação dos alunos do 5º ano enquanto leitores, assim como, compreender, considerando essa prática, a visão dos alunos como leitores.

Olhamos esta realidade do ensino da leitura a partir da compreensão do aluno da turma do 5º ano enquanto sujeito que vem se formando como leitor na escola com base na perspectiva freireana e outros estudiosos do campo da educação no que se refere às análises a respeito do desenvolvimento da leitura. Em sua análise, Freire (1996) compreende que na educação a interação pelo diálogo é fundamental, assim, podemos fazer uma refletir dessa questão no trabalho com as propostas de leitura na escola.

Nesse sentido, pensamos que, no processo de educação, mais especificamente na prática de leitura na escola, é importante adotar uma postura interativa e dialógica com os alunos, a fim de incentivá-los ao gosto pela leitura. Essa relação professor-aluno no ambiente contribui para que o aluno se firme como leitor e estabeleça condições de desenvolvimento das competências em contato diferentes gêneros textuais.

Neste trajeto da leitura entrelaçados por percalços e desafios precisamos ter em vista a complexidade dos fatores envolvidos no ato de ler. Para conhecer essa situação, propomos uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico. Segundo Chizzotti (2010, p. 84): “na pesquisa qualitativa todos os fenômenos são igualmente importantes e preciosos”.

Assim, tornou-se possível identificar uma série de circunstâncias que interferem de modo favorável ou desfavorável nas habilidades de leitura e no seu interesse por ela.

Adotamos como instrumento a aplicação de questionários com perguntas abertas para as duas professoras e entrevistas não diretivas para colher informações dos alunos do 5º ano na perspectiva de Chizzotti (2010). Em relação aos questionários, analisamos os dois aplicados com as docentes por conterem registros relevantes sobre o ensino da leitura. Fizemos entrevistas com 15 alunos de cada turma do 5º ano, mas recortamos esses dados de análise em apenas quatro, duas entrevistas com alunos do 5º ano “B” e duas entrevistas com alunos do 5º ano “C”, por estarem dentro da concepção da pesquisa.

Neste sentido, trouxemos com a pesquisa um olhar sobre a leitura atravessados por fatores relativos a capacidades cognitivas e a conhecimentos da linguagem. Além de alicerçado a tradição da leitura com sentido de decodificação. Desta forma, ler corresponde a um ato de extrema complexidade, envolvendo processos perceptuais, linguísticos, cognitivos, comunicativos e também afetivos.

Aprender a ler não é apenas a redução à capacidade de decodificar e dar sentido às palavras, mas deve levar em conta ainda a relação afetiva. Nesse contexto, a pesquisa contribui para a melhoria do ensino a leitura e da formação de leitores ativo e competentes na referida escola. Podendo também servir de estudo para quem o interesse.

### **Situando o contexto da pesquisa educacional no cenário marajoara**

Neste cenário amazônico procuramos marcar uma posição de fala, sobretudo, no arquipélago do Marajó, onde se localiza o município de São Sebastião da Boa Vista. Na condição de marajoara e educadora desse lugar acompanhamos a trajetória da educação de muitos alunos. Todavia, é difícil interpretá-las sem considerar brevemente a cultura e a história que formaram os sujeitos locais. Conforme as compreensões de Chizzotti (2008, p. 84), situando-

-nos nesse percurso da pesquisa procuramos “compreender a experiência que eles têm, as representações que formam e os conceitos que elaboram” ocupando o “as análises e interpretações na pesquisa qualitativa”.

Embalados pelos caminhos da investigação, adentramos o contexto histórico-cultural e geopolítico do arquipélago do Marajó. O Marajó se localiza no norte do Pará, particularmente na foz do rio Amazonas, compõe uma região com diversidade de recursos naturais, uma heterogeneidade cultural e histórica que constitui a vida da população. Falar do Marajó é pensar as extensões de terras, florestas, campos, praias, manguezais e rios.

Este território tem aproximadamente 50 mil km<sup>2</sup>, sendo conhecido como o maior arquipélago flúvio-marinha do mundo. Esse espaço apresenta uma mistura de diferentes paisagens naturais com ilhas fluviais e ilhas em contato com o oceano, pois ao norte é banhado pelo Atlântico. A população que habita esse arquipélago é formada pela cultura indígena e africana em função do processo de colonização europeia, principalmente, os colonizadores portugueses (PACHECO, 2009; SILVA, 2013). Muitas práticas culturais dessa população como a produção de remédios caseiros, a consulta com benzedores e atividades de parteiras compõem a memória do povo marajoara na região (PACHECO, 2010).

No trajeto desta pesquisa, fomos percebendo que o território marajoara se compõe, não só de doze municípios, mas de dezesseis. E que podemos ler esse espaço como “Marajó dos campos” e “Marajó das Florestas” marcando diferentes, semelhanças e pluralidades culturais (PACHECO, 2006). São municípios com uma grande beleza natural e diversidades culturais, apesar de fazerem parte deste imenso arquipélago, todos possuem sua singularidade sociocultural. O acesso da capital a qualquer cidade do Marajó se faz por meio do transporte aéreo ou embarcações marítimas de diferentes portes que transitam em várias partes da região. A partir das análises de Amaral (2012, p.30), baseada na perspectiva de Pacheco (2006),

podemos interpretar a região marajoara no singular e no plural.

*Falar no Marajó é pensar num arquipélago, num complexo de ilhas com cerca de 42.000Km<sup>2</sup> e extensão geopolítica marcada por 16 municípios paraenses que se dividem entre os povos dos campos, das águas e das florestas. De um lado o “Marajó dos Campos”: Cachoeira do Arari, Chaves, Salvaterra, Santa Cruz do Arari, Muaná, Ponta de Pedras e Soure. De outro, o “Marajó das águas e florestas”: Afuá, Anajás, Breves, Curalinho, Portel, Melgaço, Bagre, Gurupá e São Sebastião da Boa Vista. Uma divisão não extremada, pois em muitos desses municípios, pode predominar o campo ou a floresta, mas, com a riqueza natural deste lugar é possível encontrar, ao mesmo tempo, os dois cenários.*

Mesmo que na concepção da pesquisadora existam dois Marajós, o das florestas e o dos campos, contribuimos com a discussão acrescentando, que levando em conta as diferentes culturas que estão na região, podemos dizer que existam vários “Marajós”. Isso se justifica pelos distintos costumes, crenças e os lugares com suas peculiaridades. Além da beleza representada por várias praias com dunas de areias claras, danças populares (carimbo e lundu), comidas típicas (camarão, caranguejo, diversas variedades de peixes, açaí, etc.) e as músicas regionais (tecno-brega, tecno-melody).

Na trajetória desta investigação, posicionamos nosso lugar de fala, na parte do Marajó das Florestas, onde procuramos interpretar esse espaço composto por uma heterogênea natureza e cultura que reflete no ambiente escolar. Amaral (2012, p. 30) lendo e relacionando essa realidade com a educação na região marajoara explica:

*Nesse emaranhado de ilhas, rios furos e igarapés, que se abrem como estradas para todos os lados, podem ser encontrados milhares de brasileiros que vivem sob o regime das águas, numa relação direta com os rios. São*

*peçoas em diferentes condições de vida - sujeitos humanos, mas nem sempre cidadãos, pois a sua maioria encontra-se entre aqueles para quem o acesso às políticas públicas ainda é precário, dentre elas a dificuldade de acesso e continuidade à educação formal.*

Quando analisamos essa fala da pesquisadora discutindo a educação, como aquela que visa formar o aluno para o exercício da cidadania, vê-se o quanto as políticas educacionais de promoção serial não conseguem atingir muitos marajoaras. Outras vezes, o acesso as escolas pelos rios e florestas se transformam no cotidiano do aluno e do professor em uma batalha. Por exemplo, muitos alunos boavistenses que estudam no meio rural enfrentam a longa distância entre suas casas e a escola, ou viajam do meio rural para o meio urbano para dar continuidade na trajetória estudantil.

É nesse movimento dinâmico por rios e florestas as experiências e os sentidos das práticas sociais dos alunos desvelam-se ancoradas na cultura das sociedades indígenas e população africana. Isso ocorre por que muitos moradores costumam repassar aos seus filhos o que aprenderam como o cultivo da mandioca e dela a retirada da farinha, do tucupi, da maniva, da tapioca. Além disso, trabalham na extração da madeira, do palmito e do açaí, sem se esquecer da atividade da caça e da pesca (CRISTO, 2007). Desta forma, precisávamos repensar os significados da leitura e seu ensino na educação marajoara. Fazia-se relevante olhar e analisar o cotidiano escolar, a partir do pensamento de Freire (2006, p. 11).

*A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A*

*compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.*

O espaço escolar vive essa dupla complementaridade entre uma leitura das experiências e a relação com cultura escrita, de forma que o leitor transfere para a palavra toda uma representação da sua cultura, sentimentos e história. Essa tensão acontece por causa da dinamicidade da bagagem cultural de distintos alunos.

Paes (2012, p. 19) interpretando a condição da educação no cenário amazônico, particularmente, no que se refere aos espaços pedagógicos destinados ao incentivo e a formação do leitor na região paraense, explica os obstáculos que se impõe a escola.

*Muitos fatores afetam o desenvolvimento do processo de ensino aprendizagem: a formação inicial do professor na forma de trabalhar o texto, as turmas lotadas (em torno de 45 alunos por turma), um espaço maior com mais livros e mesas (na maioria das escolas, há somente uma sala pequena chamada de “Sala de Leitura”), a falta de profissionais qualificados (bibliotecários, auxiliares de biblioteca), os espaços alternativos para atividade extras, o material pedagógico, um projeto que incentive as práticas de leitura.*

Nem sempre o saber da cultura local tem espaço nas propostas pedagógicas da escola, tornando-se um ambiente de tensos conflitos entre diferentes práticas educativas dos professores em processo de qualificação. Somam-se a isso os problemas de infraestrutura escolar para garantir espaços adequados ao desenvolvimento da leitura.

Na trajetória desta investigação, os alunos e professores constituem os sujeitos de nossa análise já que participam da pesquisa. Neste caso, pode-se criar uma relação entre o pesquisador e o pesquisado como afirma Chizzotti (2010, p.82):

*O pesquisador deve manter uma conduta participante: a partilha*

*substantiva na vida e nos problemas das pessoas, o compromisso que se vai adensando na medida em que são identificados os problemas e as necessidades e formuladas as estratégias de superação dessa necessidade ou resolvidos os obstáculos que interferiam na ação dos sujeitos.*

Trilhando os caminhos que fazem os docentes em suas práticas de ensino da leitura aos poucos fomos alimentando um olhar de pesquisador. Analisamos que o professor precisa se colocar, muitas vezes, como pesquisador da sua realidade escolar. Nesse caso, vimos que como professor “devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo, nem ensino” (FREIRE 1996, p. 85). Desta maneira, começamos a inserir nossa percepção na forma como a escola prioriza a atividade de leitura e a formação de leitores na cidade de São Sebastião da Boa Vista.

A cidade está localizada a noroeste do Arquipélago Marajoara. O município limita-se ao norte com a cidade de Anajás e Breves, ao leste com Muaná, a oeste com Currallinho e ao sul com o rio Pará. Atualmente, a cidade tem cerca 22.904 habitantes conforme o censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE<sup>4</sup>. Para se ter acesso da capital até a sede do município é necessário o uso de embarcações, pois precisa atravessar a Baía do Marajó. Nesta pesquisa, era preciso ler essa realidade onde começamos os primeiros passos a caminho do mundo da cultura escrita. Na interpretação de Luckesi (2001, p. 122) é relevante compreender a própria realidade exercendo uma reflexiva e crítica.

*Leitura é o exercício constante, reflexivo e crítico da capacidade que nos é inerente de ouvir e entender o que nos diz a realidade que nos cerca a da qual também somos parte integrante. É o exercício da captação, através dos mais variados símbolos, sinais e manifestações, da informação, conteúdo e mensagem que os outros nos transmitem sobre a realidade, tanto nossa quanto deles.*

4 - <http://cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&cod-mun=150770&search=para|sao-sebastiao-da-boa-vista|infograficos:-evolucao-populacional-e-piramide-etaria>. Acesso em 12 de janeiro de 2014.

Se por um lado, a leitura implica desenvolver competências reflexivas e críticas da realidade que nos rodeiam. Por outro, ler significa captar os sentidos sociais que se constrói na cidade por meio da cultura popular, veiculada nas notícias e atribuições de significados simbólicos narradas por moradores e estudiosos.

Deste modo, nas leituras que elaboramos sobre o município descobrimos que o “nome Boa Vista foi dado pelo então presidente da província do Grão-Pará, Francisco Xavier de Mendonça Furtado, em 1758, quando concedeu a qualidade de freguesia ao povoado, tudo sob a invocação de São Sebastião” (FERREIRA PENNA, 1971, p.56). Hoje, na Praça da Matriz em frente à Igreja está a imagem do padroeiro da cidade.

A cidade ainda é conhecida ainda como a Veneza do Marajó, assemelhando-se a cidade de Veneza na Itália, pois é cortada pelo Furo Santo Antônio que a divide. Por isso, a cidade é interligada através da ponte de concreto e aço chamada Romeu Monfredo que dá acesso da Cidade Velha à Cidade Nova.

Na parte esquerda fica a Cidade Velha e na parte direita localiza-se a Cidade Nova. Por ser cortada pelo furo Santo Antônio e Jaçuana foi atribuído pelos moradores o título de Veneza do Marajó. Nas análises de Jardim (2013, p.60), a cidade apresenta-se descrita em meio a rios e florestas marajoaras.

*São Sebastião da Boa Vista no Marajó das florestas, uma cidade de pequeno porte, instigante na sua singularidade, dividida em Cidade Velha e Cidade Nova pelo Furo Santo Antônio ou furo Humaitá [...]. Boa Vista, como é conhecida por quem mora por lá, ainda é cortada pelo furo Jaçuana. Esses caminhos de rio deram o título ao município de a “Veneza do Marajó”, fazendo referência à cidade de Veneza, na Itália.*

Para quem é de fora da região marajoara o rio é só mais um cenário que compõe a Amazônia. Porém, para os que vivem nas

cidades do Marajó, em particular Boa Vista, o rio não é apenas espaço geográfico, representa a condição de vida, a alimentação, o transporte e a cultura que se movimenta em diferentes direções.

Estes trânsitos culturais evidenciam que os habitantes de São Sebastião compõem de uma descendência e influência de sociedades indígenas, africanas e portuguesas. Hoje, a região onde se situa o município de Boa Vista foi habitada pela sociedade indígena Anajás (JARDIM, 2013). Depois, em função do escravismo realizado pela coroa portuguesa, agregou os costumes e práticas sociais dos negros africanos fugidos para essa região marajoara (PACHECO, 2009). Essa constituição étnica mostra o quanto à população boavistense é heterogênea culturalmente.

Em termos educacionais, não podemos deixar de perceber a existência de uma pluralidade cultural que se manifesta no ambiente escolar. Pensar a educação, no aspecto de uma proposta de ensino da leitura, implica considerar as experiências sociais dos alunos. Nesse sentido, dialogamos com as reflexões de Cristo (2007, p. 58-59):

*Educação, cultura, desenvolvimento sócio-econômico e ambiental são condições essenciais para garantir a elevação da qualidade de vida das populações marajoaras, que deve estar voltada para a valorização dos diversos espaços e particularidades que constituem o Marajó, sem ignorar a pluralidade, dentro desse contexto de múltiplas faces.*

Se por um lado, a educação constitui um pilar para melhorar as condições de desenvolvimento sociocultural e ambiental da população marajoara. Por outro, faz-se necessário refletir sobre a trajetória estudantil dos alunos, em sua maioria, marcada por atividades de corte da madeira, palmito, extração do açaí, pesca e agricultura familiar. Deste último, fabricam a farinha, o tucupi e a tapioca como elementos básicos que garantem a alimentação e, às vezes, a renda familiar.

Estudar e trabalhar, muitas vezes, tem sido

o dilema de muitos estudantes no espaço escolar. Ora trabalhar ora estuda porque muitos de nossos alunos ajudam na economia da família. Isso pode acabar por prejudicá-los nos estudos, quando eles deixam de realizar as atividades escolares para fazer os trabalhos tantos da roça quanto domésticos. Essa demanda de alunos vem várias partes da cidade com uma realidade distinta (CRISTO, 2007).

São Sebastião da Boa Vista, por situar-se em uma ilha, suas ruas são estreitas e cortadas por igarapés, algumas já estão asfaltadas, outras cobertas com barro e as demais ainda são pontes de madeira. As únicas fontes principais de emprego são: a prefeitura municipal, uma pequena fábrica de palmito e os comércios de gêneros alimentícios. A maior parte dos alunos que estudam é de famílias baixa renda tendo que a dividir entre alimentação, educação, saúde e vestuário.

A migração para cidade, gerado muitas vezes, por famílias que vêm na educação um futuro melhor, tem ocasionado ao gestor municipal dificuldades em organizar o espaço urbano, pois o crescimento desordenado resultou em aberturas de pequenas ruas, a população cresce sem controle. Na linguagem popular, a cidade já é dividida por bairros: Bairro Novo, Bairro da Terrinha, Bairro do Jaçuana e Bairro do Aeroporto. Nesta pesquisa, vamos nos concentrar nesse último como lugar da investigação.

### **O contexto da pesquisa: O Bairro do Aeroporto**

A cidade de São Sebastião da Boa Vista está dividida em duas partes, quando estamos chegando e a avistamos, podemos observar que existem duas pequenas cidades cortadas pelo Furo conhecido como Santo Antônio ou Humaitá. Na parte do lado esquerdo podemos ver a Cidade Velha, assim denominada por ser a primeira parte da cidade a ser povoada, e do lado direito a Cidade Nova. Neste percurso da pesquisa tomamos como referência a perspectiva do olhar de uma pesquisadora que vê essa realidade social do bairro para compreender os seus reflexos no espaço escolar.

*O pesquisador não se transfor-*

*ma em mero relator passivo: sua imersão no cotidiano, a familiaridade com os acontecimentos diários e a percepção das concepções que embasam práticas e costumes supõem que os sujeitos da pesquisa têm representações, parciais e incompletas, mas construídas com relativa coerência em relação à sua visão e à sua experiência (CHIZZOTTI, 2010, p. 820).*

O foco da nossa pesquisa esta direcionada a Escola Padre José de Anchieta que se localiza no lado direito da cidade, especificamente, na Cidade Nova, conhecida e denominada por seus moradores como Bairro do Aeroporto. Mas não oficializado pelo poder público municipal. Mesmo assim, a população local já usa essa denominação em função da sua localização na antiga pista de pouso de aviação. Neste bairro ainda podemos localizar algumas instituições públicas como a escola de Ensino Médio “João XXIII” e outra de Ensino Infantil “Cantinho do Amor”. Também se encontra o Hospital Municipal, Mercado Municipal, o Correio, a Câmara de vereadores e depósito Municipal de Merenda.

Deste lado da cidade, na parte da manhã e da tarde, transitam várias pessoas, pois como já citado acima, localiza-se pontos de prestação de serviços públicos, como o Correio, que é um lugar aonde as pessoas vão para pagar suas contas, receber seu dinheiro, enviar e receber algum tipo de produto, etc. Quem realiza, na maioria das vezes, essa ação são os adolescentes – filhos, irmãos, primos e sobrinhos – isto é, alunos que fazem parte da escola em estudo. Então, para que isso ocorra corretamente os alunos precisam ter leitura tanto de mundo quanto interpretativa. Pois, eles necessitam saber utilizar esses serviços, conhecer como se comunicar nessa prática social.

Os moradores que habitam o bairro Aeroporto são pessoas de renda média e baixa, devido à cidade ser pequena e com pouca oportunidade de emprego. Algumas famílias necessitam do auxiliar do governo e recebem recurso financeiro do programa Bolsa Família para sua alimentação, cal-

çados, vestimentas, materiais de higiene e escolares. Outra parte são filhos de professores e comerciantes da região.

As pessoas desse bairro se destacam tanto pelo modo de viver, quanto pelo modo de se comportar, de culturas, religiões e conhecimentos diferentes, as crianças passam a maior parte do tempo brincando na rua, expostas a todos os tipos de perigo, como acidentes com transportes, drogas, violência, doenças causadas pelo sol, poeira, lixo, chuva, etc. Nesse contexto, a maioria são alunos da referida escola e moram aos arredores dela. A escola recebe alunos de todas as classes sociais, sendo que a escola é a mais procurada na cidade. A referida instituição é de grande porte e bem requisitada, transformando-se em um ambiente onde as crianças trazem consigo uma história de desigualdade, violência e pobreza.

São crianças que necessitam de uma atenção maior por parte da escola, no que se refere à educação como ponte para uma vida digna e de qualidade. Mas para isso elas precisam ser compreendidas por quem a analisa. “A descrição e a compreensão podem estar compostas em uma observação compreensiva dos participantes descrevendo suas ações no contexto natural dos atores” (CHIZZOTTI, 2010, p. 90). Ao observar algumas crianças em sala de aula, fora do âmbito escolar e dialogar com outros docentes pudemos constatar que a maioria delas não tem acesso a livros diversificados.

Por conhecer a realidade escolar e fazer parte da população boavistense, analisamos que, na maioria das casas, a televisão ocupa lugar “absoluta”, tirando assim a atenção e o interesse deles pelos livros. Isso faz com que as crianças prefiram assistir ao desenho na televisão a ler uma revista em quadrinhos que se refere ao mesmo desenho.

Os educadores precisam ter uma visão compreensiva quando seus educandos não se interessam pela leitura e a sensibilidade de analisar onde é que está o problema e juntos tentar resolvê-lo, para que não ocorra uma pressão nos alunos e nem se crie uma tensão no corpo escolar. Segundo

Barbosa (2008, p.138), precisa-se pensar maneiras de como aguçar o gosto destes alunos por diferentes tipos de leitura.

*Quando uma criança não encontra utilidade na leitura, o professor deve fornecer-lhe outros exemplos. Quando uma criança não se interessa pela leitura, é o professor quem deve criar situações mais envolventes. O próprio interesse e envolvimento do professor com a leitura servem como modelo indispensável: ninguém ensina bem uma criança a ler bem se não se interessa pela leitura.*

As crianças também precisam ser ouvidas e necessitam que os educadores respeitem suas opiniões, pois para elas a leitura é algo complicado. Porém, é com a ajuda e criatividade dos docentes que elas irão aprender a ler, pois se o educador não mostrar interesse, a criança não se interessará também, elas podem ficar frustradas e sentir um desgosto pela leitura.

Pensando a escola Municipal Padre José de Anchieta em constante construção do saber, buscamos analisar as práticas de ensino da leitura para conhecer o processo de formação de leitores. Propor momentos que permitem aos discentes refletir sobre a prática da leitura e a importância do ato de ler constitui compreender com se criam as situações que envolvam direta ou indiretamente a leitura no cotidiano escolar. Essa escola situa-se na Avenida Das Acácias, no Bairro Aeroporto. O nome da referida avenida foi dado porque existiam antigamente muitas árvores de acácias nesta parte urbana denominada Cidade Nova que atualmente não existem mais.

Tecnicamente, a referida unidade de ensino tem seu funcionamento autorizado pela Secretaria de Estado da Educação, de acordo com a legislação vigente. A instituição de ensino recebe alunos vindos de todas as partes do meio rural, de outros bairros e vizinhanças. É composta por uma gestão com três membros, coordenação pedagógica, professores e corpo de apoio, todos são de suma importância para o bom funcionamento da escola. A escola atende alunos de 1º ao 9º ano, e turmas da Educação de Jovens e Adultos – EJA.

Funciona em quatro turnos: matutino, intermediário, vespertino e noturno.

A escola segue alguns padrões exigidos pelo Ministério da Educação, com salas amplas e arejadas, cadeiras e mesas adequadas aos alunos que a frequentam, sua estrutura interna é de grande porte e espaçosa para atender corretamente seu alunado. Vygotsky (1988) afirma que relevante que a escola apresenta espaços significativos para o desenvolvimento das interações sociais dos sujeitos. Essa seria uma escola que apresenta um arcabouço essencial para acolher todos que dela precisarem. Porém, em nossa realidade, por exemplo, faltam espaços pedagógicos adequados para desenvolver a prática da leitura e quadra de esportes que está sendo reconstruída para atender as atividades escolares.

Neste cenário escolar, a pesquisa toma como sujeitos os discentes do Ensino Fundamental menor, especificamente, os alunos do 5º ano (“B” e “C”) da referida escola e as docentes responsáveis pelas turmas. Nesse ambiente escolar, a pesquisa qualitativa de cunho etnográfico mostrou-se relevante.

*O uso da etnografia em educação deve envolver uma preocupação em pensar o ensino e a aprendizagem dentro de um contexto cultural amplo. Da mesma maneira, as pesquisas sobre a escola não devem se restringir ao que se passa no âmbito da escola, mas sim relacionar o que é aprendido dentro e fora da escola (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p. 14).*

Assim, o estudo da pesquisa perpassa não somente pela escola, mas sim para o ambiente em que vive esse aluno, procurando analisar as condições sociais deste, tentando explicar por que há um descaso no que se refere à formação de leitores competentes. Pela primeira autora fazer parte do quadro docente da escola Padre José de Anchieta vivenciou um pouco do cotidiano das pessoas que fazem a escola e percebeu os desafios que a realidade escolar apresentar quando se fala em leitura na escola, especialmente com alunos 5º ano. Na condição de pesquisadores en-

contramos, a partir dos dados da pesquisa, os contínuos desafios que se impõem ao trabalho docente voltada para o incentivo do gosto de ler.

O espaço físico necessita de reparos no que tange o educacional, tem poucos ambientes pedagógicos que incentive o gosto pelo desenvolvimento da leitura. Na leitura de Paes (2012, p.16) “a população brasileira, ainda lê muito pouco porque não fomos estimulados a ser verdadeiros leitores dentro da família, muito menos na escola”. Sem espaços e com pouco estímulo os docentes limitam suas atividades apenas a sala de aula. E se a escola não perceber esse desinteresse dos educadores mais deficiente irá ficar a educação.

Apesar da maioria de seus docentes já serem graduados ou em conclusão de curso, outros ainda especializados ainda com toda esta qualificação são visíveis, em muitos casos, a falta de interesse pelo aprendizado do aluno e o descaso pela formação de alunos leitores no 5º ano apresentam-se como desafios a serem vencidos pela escola. Se por um lado, há um discurso consolidado em relação às práticas de leitura como responsabilidade da escola. Por outro, é notório que os pais ficam ansiosos para matricular seus filhos para que possam inserir-se na escola e usufruir dessa prática. Com isso, a escola vem enfrentando sérios desafios em fazer alguns pais entenderem que não é somente obrigação da escola e sim da comunidade escolar em geral.

Na concepção de Martins (2006, p. 35) a posição da escola diante desta situação, não seria inserir no aluno o hábito da leitura e sim criar condições e proporcionar diálogos com eles, para que este busque o sentido da leitura em suas vidas.

*A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realiza a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta.*

Desta forma, contextualizamos as turmas

do 5º ano “B” e “C” a fim de compreender como os alunos que já estão no último ano do ensino fundamental menor, têm a dizer o que pensam sobre leitura. E saber o que é a leitura para eles, já que todos têm condições de fazer algo sozinho, só precisam de orientação.

### **Práticas pedagógicas de ensino da leitura na escola**

Em relação às propostas pedagógicas, no que se menciona a prática da leitura na escola Padre José de Anchieta, tem-se atualmente o Projeto de Leitura, que é desenvolvido diariamente, paralelo às aulas. Seu objetivo é auxiliar os educadores e educandos no que se refere à leitura, com uma metodologia dinâmica, pois quando os alunos necessitam de um reforço na leitura, podem se dirigir ao espaço reservado ou quando uma turma esta em hora vaga também pode visitá-lo. Esse projeto dispõe de duas professoras que ficam a disposição para eventuais dúvidas, há um pequeno acervo, porém, contém livros de todos os gostos como gibis, contos, fábulas, poemas, poesia, histórias bíblicas, de terror, de romance e vários outros. Esses materiais auxiliam alunos e professores na atividade de leitura.

Acreditamos que a escola é o ambiente social onde o professor pode aguçar o gosto do aluno pela leitura, não de maneira obrigatória, mas para se trocar ideias e estabelecer relações com a sua realidade. Para Freire (2006) mais do que ler textos, é preciso ler o mundo. É fundamental que o discente saiba interpretar um texto, porém é essencial que ele interprete o mundo, assim é um desafio para a escola Padre José de Anchieta busca incentivar o gosto pela leitura. E permitir que a escola forme leitores ativos.

Este projeto conta com a participação de todos que fazem parte do corpo escolar, apresenta uma possibilidade diferenciada de olhar esse mundo da leitura. Desta forma, entendemos que aprender a ler pode ser o início da descoberta de um mundo melhor nas palavras de Martins (2006, p. 31):

*A leitura vai, portanto, além do texto (seja ele qual for) e começa antes do contato com ele. O leitor*

*assume um papel atuante, deixa de ser mero decodificador ou receptor passivo. É o contexto geral em que ele atua. Isso porque o dar sentido desse texto e de seu leitor. E a noção de texto aqui também é ampliada, não mais fica restrita ao que está escrito, mas abre-se para englobar diferentes linguagens.*

Considerando que a leitura abre portas e faz com que o leitor viaje por diferentes lugares, a partir do diálogo dele com os textos lidos. E o papel da escola é aliar a leitura à realidade do aluno que nela estuda. Apesar da pequena infraestrutura a escola Padre José de Anchieta tem uma biblioteca em um espaço amplo. Assim, a escola oferece espaços e alguns acervos para estimular o ato de ler em seus discentes.

A escola Padre José de Anchieta além do projeto de leitura dispõe de outro espaço para a prática da leitura, a biblioteca, uma sala confortável e arejada e ainda disponibiliza de duas bibliotecárias por turno para ajudar os alunos na procura de livros ou até mesmo em pesquisas relacionadas aos seus trabalhos escolares. Podemos encontrar uma variação de livros, ali existem livros para todos os gostos. Um ambiente aberto e liberado para quem quiser visitar. Este espaço permite as pessoas viajar por mundos ainda nunca visitados por elas, cidades, estados e países a fim de compreender e valorizar a cultura de outros povos.

Segundo Paes (2012, p.16), “Em algum momento da vida, já ouvimos falar que a leitura é importante para nos comunicar com o outro, adquirir conhecimentos, desvendar outras culturas, entender a nossa história, para estudar e obter informações”. Haja vista, que a leitura deve ser estimulada e deixá-la fluir naturalmente de acordo com cada gosto.

Como podemos perceber os alunos da Escola Padre José de Anchieta têm acesso a

---

5 - Questionário aplicado com a professora Rosiane do 5º ano “B”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, no dia 07 de dezembro de 2013.

livros variados (gibis, contos, fábulas, jogos da memória, revistas, etc.), e podem interagir com o outro em um momento voltado para a prática da leitura. Esse contato e manuseio desses materiais de leitura fazem com que os alunos se interessem mais pelas histórias que podem encontrar nos livros. Em sala de aula, os docentes se apropriam de diferentes estratégias para estimular a leitura, alguns fazem o “Cantinho da Leitura”, outros têm o momento da “Roda da leitura”, ambos são voltados para incentivar o interesse dos educandos nos livros e aguçar a curiosidade destes pelas histórias que eles apresentam. Colocar o aluno na posição de leitor deve ser uma das propostas pedagógicas do professor.

*O professor deve motivar o aluno a descobrir sua capacidade criadora enquanto procura desvendar o sentido do texto de forma a compreender e interpretar o registro escrito. A leitura leva o aluno à curiosidade e à descoberta de textos, seja literário ou informativo (PAES 2012, p. 23).*

Sabemos que não basta apenas disponibilizar uma variedade de livros, mas elaborar propostas de ensino que envolva o aluno nas leituras prazerosas. Nesse caso, as variedades de livros são imprescindíveis na escola já que os alunos compreendam que pode e dever concordar ou não com os textos lidos. Acreditamos que ainda é muito pouco, mesmo com tudo que a escola propõe, não é suficiente para a formação de leitores competentes, a leitura é um processo complexo, por isso a escola encontra dificuldades quando o assunto é a formação de leitores, pois no que se vê é que a escola ainda precisa não só de métodos e técnicas que motivem seus alunos, mas desenvolver as competências de leituras dos alunos.

O relato da professora Rosiane do 5º ano “B”, da escola Padre José de Anchieta, evidencia que “deve haver o momento da leitura no último horário. E todo professor deve fazer seu cantinho da leitura, bem como utilizar jogos didáticos apropriados ao reforço de leitura como recurso pedagógico”<sup>5</sup>. Para ela, os docentes precisam se esforçar mais e procurar subsídios para

instigar a curiosidade dos alunos frente à leitura, para isso devem buscar maneiras que melhore suas metodologias, no que tange a formação de leitores. Pois, é preciso levar o aluno a ver a leitura como interação entre autor-texto-leitor (PAES, 2012).

Nesse sentido, ler e aprender a ler deixa ver como se constrói essa prática de ensino no cotidiano do trabalho docente. A leitura é fundamental na formação do cidadão, isso todos sabem, é através dela que interagimos com o mundo, porque ela leva o leitor a refletir sua prática social. O processo da leitura deve ser encarado pelos formadores, como um processo crucial para o desenvolvimento, psicológico e cognitivo do indivíduo.

Quando falamos em leitura, abrimos um leque muito amplo, pois a leitura esta no cotidiano de todos. Nesse sentido até as pessoas não letradas, sabem algum tipo de leitura, pois a sua convivência no meio social permite o conhecimento e logo o reconhecimento. O ser humano quando adentra o âmbito escolar vem dotado de conhecimento, necessita então de um educador que o oriente. Na percepção Barbosa (2008, p. 137-138) cabe ao docente elaborar metodologias que despertem no estudante a vontade de ser um leitor, por mais que seja o seu modo, particular, empírico ou coletivo de executá-las.

*O professor deixa de ser um mero transmissor de conteúdos e técnicas e assume o papel de orientador, de facilitador da aprendizagem. Para isto, ele necessita, de um lado, aprofundar-se no conteúdo referente as questões de leitura, de outro, ter um bom conhecimento das crianças que lhe são confiadas, uma atitude positiva e atenta frente aos alunos, uma sensibilidade pelos interesses e possibilidades de cada um.*

O professor precisa ainda conhecer a realidade social dos alunos, que compõem a sua turma de trabalho docente. Estabelecer uma compreensão por dentro do ambiente escolar e familiar para acompanhar a aprendizagem de leitura do aluno. O indivíduo que nunca teve contato com a es-

crita faz uma leitura diferente a chamada leitura de mundo, de certa forma, consegue descrever como são as coisas mesmo que não consigam escrever. Aprender a ler não é uma tarefa fácil e os educadores devem ter muito cuidado ao avaliar os alunos no processo de leitura, já que o professor é o mediador do conhecimento e assume a responsabilidade de formar com diferentes e diversificado acervos o aluno em um leitor proficiente.

O professor deverá respaldar-se na escola e o dever da escola é dar subsídio ao educador para que ele tenha a capacidade de formar cidadãos críticos. Mas cidadãos críticos não lêem somente palavras, cidadãos críticos lêem o mundo, lêem o sistema, lêem o semblante de cada colega para poder se desenvolver como leitor. Em sala de aula, o professor precisa propor ao aluno momentos que envolvam a leitura, solicitar que escolham o texto e incentivá-los a adentrar no mundo da leitura da palavra que o livro proporciona.

Para Barbosa (2008) existem seis tipos de leitura: a “Leitura de informação”, “Leitura de consulta”, “Leitura para a ação”, “Leitura de reflexão”, “Leitura de distração” e “Leitura de linguagem poética”. Quando se fala de leitura na escola leva-se em conta a metodologia utilizada pelos docentes. A professora Fernanda do 5º ano “C” da escola Anchieta, explicou como são suas aulas de leitura.

*As aulas de leitura acontecem semanalmente em minha sala, peço com que cada aluno, pegue um livro didático e me traga, daí então escolho um texto para ser lido, depois com que escrevam o texto em seus cadernos, depois faço a leitura em grupo e logo após repasso a eles questões a serem respondidas para fins de interpretação textual.*<sup>6</sup>

6 - Questionário aplicado com a professora Fernanda, do 5º ano “C”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, no dia 06 de dezembro de 2013.

7 - Entrevista realizada com a aluna Paula do 5º ano “B”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, no dia 16 de janeiro de 2014.

Ao analisar a fala da professora, entende-se que há uma reflexão sobre leitura a partir de outros textos. A leitura é algo que pode ser encontrada somente nos livros didáticos. Não há um esforço para buscar outras leituras e tentar incentivar os alunos. Essa prática de leitura mecânica que se faz em função das atividades de interpretação pouco favorecer uma visão mais crítica do que seja uma leitura enquanto prática social. O educador que quer formar leitores competentes deve se munir de recursos pedagógicos que o ajude e despertem em seus educandos o gosto pela leitura. Porém, não vale somente o educador conhecer as estratégias de ensino, é preciso que além de conhecê-las, saiba como utilizá-las.

É preciso que o educador detecte na turma qual tipo de estratégia poderá usar de acordo com o momento em que sua aula ocorre, ou se está correspondendo com o nível cognitivo de seus alunos, pois é certo que as estratégias usadas em sala de aula facilitam a aprendizagem. Também, pode prejudicar se aplicada incorretamente no momento, ou para o nível que não seja do aluno podendo não entender o seu significado.

As modalidades de leitura precisam das ações pedagógicas que são elaboradas e planejadas a partir da reflexão coletiva da escola sobre o que é a leitura e o que é o aluno. Estabelecer como meta o domínio e as maneiras de usar a leitura colocando-se no lugar de seus alunos para que compreendam o que os docentes pensam que é a formação de leitores.

Evitar que as crianças adivinhem, pelo contrário pedir atenção em todos os momentos que envolverem a leitura. A atenção é crucial para a aprendizagem da leitura seja relevante. Segundo Barbosa (2008 p.123), “aprender a ler é aprender a explorar um texto, lenta ou rapidamente, dependendo da interação do leitor”. Quando o educador sabe ensinar seu educando a explorar o texto e deixá-lo envolvido com a leitura estaremos a formando alunos leitor na escola.

### **Percurso e percalços do incentivo à formação de leitores**

Iniciamos esta análise com a seguinte narrativa: “As aulas de leitura são realizadas uma vez por semana, devido o conteúdo programático ser muito extenso. Não posso perder um dia todo para focar somente na leitura, isso atrasará todo o meu conteúdo”. Esse é um dos relatos da professora Fernanda sobre o desenvolvimento das aulas de leitura.

Essa forma de trabalhar a leitura na escola se desdobra em sala de aula como narra a aluna Paula: “Uma vez por semana, após o recreio a professora pede que escolhamos um texto no livro, manda a gente fazer a leitura, e depois que todos leiam o texto para ela, os colegas que não leiam naquele dia, vai ler no outro, logo no início da aula”<sup>7</sup>. A partir dessas falas percebemos que o tempo destinado à leitura é pouco, há mais preocupação com o conteúdo programático do que com a aprendizagem da leitura.

A orientação de se trabalhar com conteúdo parte da proposta de ensino da escola e que se reflete na prática docente. A escola não pode deixar de dar essas orientações, mas precisa compreender que a leitura também faz parte desse conteúdo e precisa ser realizada com todos os alunos durante o período letivo.

A leitura é uma forma de reflexão, onde o aluno busca compreender o mundo a sua volta. Nesse caso, este necessita conhecer e aprender a ler para avaliar o que está sendo solicitado e orientado para ele desenvolver em diferentes práticas de leituras na escola como atividades de interpretação textual. Para Antunes (2003, p. 104):

*Uma leitura diversificada – Tal como acontece na vida fora da escola, as oportunidades de leitura devem variar, no sentido de que os textos propostos sejam de gêneros diferentes (contos, fábulas, poemas, editoriais, notícias, comentários, cartas, avisos, propaganda, etc.) e no sentido de que os objetivos propostos para a leitura sejam também diferentes, alterando-se, para tanto, as estratégias de leitura para interpretação.*



Para a pesquisadora prática da leitura precisa ser diferenciada e o aluno deve experimentar todos os tipos de leituras possíveis. Desta forma, a escola disponibiliza os acervos de leitura que podem ser trabalhados pelo professor em sala de aula. Então, as aulas devem ter leitura diária para que o aluno goste e aprender distintas competências de leitura.

No entanto, as dificuldades são muitas, nem sempre as famílias estão dispostas a compartilhar com escola o desejo de que os filhos possam ler e ler com competência e habilidades linguísticas. A desestruturação familiar tem pesado bastante na hora de incentivar o prazer pela leitura já que a criança passa a maior parte de seu tempo, na maioria das vezes, brincando na rua, assistindo televisão ou até mesmo ajudando no trabalho doméstico.

A professora Rosiane em meio à conversa, afirma que “Sem dúvida o trabalho precisa ser continuado no seio familiar, pois o aluno tem apenas quatro (4) ou cinco (5) horas no convívio escolar o resto do tempo é na família”. Ao analisar o que ela afirma entendemos que a família é essencial no processo do incentivo à leitura, mas enfrenta grandes percalços para desenvolvê-las como narra o aluno Felipe:

*Não tenho tempo para ler em casa, porque passo a maior parte do tempo ajudando meu pai a apanhar açaí, carregar água, retirar madeira do barco dele, reparando meus irmãos menores, e até ajudando a mamãe nos serviços de casa. Quando pego um livro alguém grita pra eu fazer alguma coisa, aí deixo lá e vou.<sup>8</sup>*

8 - Entrevista realizada com o aluno Felipe do 5º ano “C”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, no dia 07 de dezembro de 2013.

9 - Entrevista realizada com a aluna Marcela do 5º “B”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, no dia 07 de dezembro de 2013.

10 - Entrevista realizada com o aluno João do 5º ano “C”, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Padre José de Anchieta, no dia 07 de dezembro de 2013.

Pouco tempo na escola para estudar e grande parte do tempo em casa tomado pelas tarefas domésticas vemos o aluno priorizar as atividades de casa que contribuem para manter o sustento familiar. Se isso não ocorre à escola tem muito pouco a fazer e fica difícil ajudar esse aluno, a não ser que ele retire nem que seja no final do dia para folhear um livro, como relata a aluna Marcela: “Às vezes pego livros na biblioteca da escola, livros de poesias, e antes de me deitar olho alguns poemas, mas nada demorado, porque mamãe manda que eu durma logo, porque tenho que levantar cedo, mas dá para ver uns”<sup>9</sup>.

Com o pouco tempo destinado a leitura no espaço familiar a falta de incentivo recai sobre o docente, que às vezes até tentar estimular o aluno, faz sem sucesso. Segundo Barbosa (2008, p. 138-139) para “facilitar o processo de leitura devemos garantir à criança amplas possibilidades de usar informações não-visuais, possibilidades de fazer previsões, compreender e ter prazer no que lê”. Para isso é necessário que escola e família compartilhem da vontade de formar leitores.

As dificuldades de aprendizagem na leitura ocorrem de vários fatores e um deles também pode ser a desestruturação familiar, quando uma criança vive em um ambiente não tanto saudável, e sua realidade é voltada para drogas, violência, entre outras coisas. Pode-se dizer que chegará à escola acarretada de problemas familiares.

Nesse contexto a escola precisa, no que se refere à educação, ter um cuidado maior com esse aluno e necessita da ajuda de toda comunidade escolar. Ao entrevistar o aluno João que narra como foi seu processo de alfabetização: “pedia para minha mãe me ajudar a ler alguma coisa e ela dizia pra mim ler do meu jeito e meu pai dizia vai soletrar”<sup>10</sup>. Os pais nunca tinham tempo nem paciência para ajudar esse aluno, devido a isso compreendemos que ele perdeu o interesse pelo mundo da leitura, haja vista que a leitura precisa de total incentivo por parte dos pais e da própria escola para incentivar o gosto dos alunos pela leitura.

### Considerações finais

Pensar a leitura no cenário amazônico, especialmente, no Marajó, tornou-se um desafio para nós. Elaborar leituras para marcar um lugar de fala na região não foi fácil. Entretanto, o contato com a pesquisa sobre o Marajó fez-me entendê-lo não mais como uma única ilha, isolado, fez-nos interpretá-lo como Marajó dos Campos e Marajó das Florestas, sobretudo, identificar que nessa investigação marcou nossa posição de fala a partir da cidade de São Sebastião, no Marajó das Florestas.

Se por um lado, caminhar com o tema da leitura no 5º ano do ensino fundamental, nesta pesquisa, ampliou a concepção de ensino na escola Anchieta. Por outro, aproximou-me dos desafios que se impõe na formação desses leitores, as propostas de leitura desenvolvida no ambiente escolar, a condições de ensino do trabalho do professor e o incentivo ao gosto pela leitura em sala de aula (MAGNANI, 2001).

Em particular, quero destacar que a leitura é o processo mediante o qual se compreende a linguagem escrita, apesar de ser uma forma de conhecimento do mundo real e a ampliação do mundo imaginário, ainda assim, não desperta interesses na maioria dos educandos. Nesse sentido, ao analisar as percepções dos alunos do 5º ano “B” e “C” da Escola Padre José de Anchieta, em sua formação de atitudes, hábitos e sentimentos em relação à leitura percebemos claramente que as experiências de leitura com os estudantes têm despertado muito pouco o interesse e o incentivo por ler no espaço escolar.

Não podemos esquecer de que a prática da leitura deve estar voltada às necessidades do aluno que exercerá sua cidadania na sociedade. Para atingir esse objetivo é preciso pensá-lo como centro das prioridades pedagógicas da leitura na escola. Como sabemos, eles usam a leitura constantemente em no seu cotidiano para realizar as práticas sociais. Pois, é importante que a escola trabalhe as competências necessárias a uma leitura crítica para que o discente possa desenvolvê-la com precisão na compreensão de diferentes gêneros textuais.

Desta forma, a função do educador para aguçar o prazer pela leitura constituir-se em uma tarefa intensa e desafiadora, já que a realidade de muitos desses docentes é frustrante, porque a maioria dos discentes do 5º ano, não se interessa e/ou não sentem disposição para a leitura. Isso mostra que o conteúdo trabalhado não está relacionado com a realidade deles ou a metodologia utilizada pelos educadores nessas classes não esteja adequada.

Além disso, temos de criar alternativas de leitura diante da ausência de materiais pedagógicos e desenvolver estratégias para incentivar o gosto pela leitura. Na análise de Barbosa (2008, p. 139), o professor precisa estar envolvido com o sentido social da leitura e mobilizar em sua prática materiais e técnicas para ajudar os alunos nessa caminhada.

*É naturalmente necessário que o professor conheça os materiais e técnicas pedagógicas, assim como os programas de ensino. Mas para decidir como e quando utilizar cada um, é fundamental que o professor além destes conteúdos conheça o próprio aluno. Enfim para ajudar uma criança a aprender a ler é necessário estar sensibilizado pelas complexidades da infância e da leitura.*

No decorrer da pesquisa constatamos que, em muitos momentos de leitura, os discentes se sentiam incomodados e alguns pareciam desesperados, quando manuseavam diretamente os acervos para a leitura. Já, em outros momentos, em que se usavam dinâmicas, a aula tornou-se prazerosa. Essa ação pedagógica tornou-se fundamental para que o interesse fosse às vezes incentivado para envolvê-los na formação de leitores.

De início, através da análise dos depoimentos dos alunos, foi possível verificar a insatisfação deles quanto às aulas, de modo geral, em que tinha que usar a leitura. Isso acontecia devido à experiência de leitura ser pouco positiva na sua trajetória escolar e suas opiniões a respeito da aprendizagem da leitura ser baseada apenas em atividades de interpretação textual. O que permitiu uma análise reflexiva

sobre a prática de ensino.

De modo geral, os alunos consideram as aulas muito difíceis, dizem que não compreendem a utilidade dos conteúdos e que isso os deixa desmotivados quando se desenvolvem atividades de leitura. E de fato o que poderia ser dinâmico se torna frustrante, causando um mal-estar tanto no discente quanto no docente, transformando assim a aula sem motivação para ler e sem rendimento relacionadas ao incentivo da leitura.

Assim, a pesquisa trouxe dados para auxiliar os demais educadores que necessitam de um olhar pedagógico mais reflexivo, voltado para as questões da formação de leitores na referida escola da cidade de Boa Vista. Assim, a investigação contribui com as análises deste aprendizado, como também, traz as compreensões do ensino dos professores para dinamizar seus métodos pedagógicos nas unidades escolares mediando internacionalmente a resolução de certos problemas do aprendizado da leitura.

Ao propor para os professores a utilização de gibis, de jogos de letramentos, de alfabeto móvel, entre outros, analisamos que os alunos podem se interessar mais desta forma e sentir de envolver-se no mundo da leitura. Essa percepção foi de suma importância com base na utilização de recursos didáticos para estimulá-los. Segundo Barbosa (2008, p. 140):

*Assim, o professor pode variar (e muito) os materiais e atividades de leitura, criando a cada dia situações novas, atraentes, afirmando o uso social da escrita, evitando o tradicional e não-significativo uso escolar da escrita – os textos decifratórios, as cópias e ditados sem objetivo ou sentido para as crianças.*

Desse modo, o educador tem importante papel na formação de alunos leitores. Para tanto, se faz necessário adotar práticas que despertem o interesse, a imaginação e o gosto pela leitura. Além de priorizar o entendimento e a compreensão do que está sendo lido. O aluno precisa se sentir confiante nesta atividade no ambiente es-

colar. O discente necessita entender que sempre é possível aprender, que todos podem aprender inclusive ele que, apesar das dificuldades, conseguirá alcançar seus objetivos, basta buscar o caminho certo e com coragem chegará a mundos repletos de novidades e rico em saberes aprendidos na leitura.

Portanto, a pesquisa trouxe a prática de ensino de professores e diferentes obstáculos que levam a uma percepção dos alunos como leitores do mundo que o cerca. Diante disso, a leitura para a formação do cidadão é essencial. Esta função social da leitura, em Boa Vista, tem um papel primordial de despertar e proporcionar conhecimentos que contribuam para o desenvolvimento da aprendizagem do aluno e exercício de sua cidadania.

## Referências

AMARAL, Sônia Maria Pereira do. *Memórias, cotidianos e escritas às margens dos Marajós: Navegando entre o saber e o poder. Dissertação de mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Universidade da Amazônia, Belém, 2012, p. 30-64.*

ANTUNES, Irlandé. *Aula de Português: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.*

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez, 2008.*

CHIZZOTTI, Antônio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais. São Paulo: Cortez, 2010.*

CRISTO, Ana Cláudia Peixoto de. *Cartografias da educação na Amazônia rural ribeirinha: estudo do currículo, imagens, saberes e identidade em uma escola do Município de Breves/Pará. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Pará, Belém, 2007, p. 40-59.*

FERREIRA PENA, Domingos Soares. *Obras completas. Vol. II. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1971. (Coleção "Cultura Paraense", série "Inácio Moura").*

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler. São Paulo: Cortez, 2006.*

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da autonomia; saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.*

JARDIM, Ninon Rose Tavares. *Mulheres entre enfeites & caminhos: cartografia de memórias em saberes e estéticas do cotidiano no Marajó das Florestas (S. S. da Boa Vista - PA). Dissertação de Mestrado Pós-graduação em Artes. Universidade Federal do Pará, Belém, 2013, p. 58-74.*

LUCKESI, Cipriano et. al. *Fazer universidade; uma proposta metodológica. São Paulo: Cortez, 2001.*

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em Educação: Abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.*

MAGNANI, Maria do Rosário Mortati. *Leitura, Literatura e escola: sobre a formação do gosto. São Paulo: Martins Fontes, 2001.*

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura. São Paulo: Brasiliense, 2006.*

PACHECO, Agenor Sarraf. *Encantarias Afroindígenas na Amazônia Marajoara: Narrativas, Práticas de Cura e (In) tolerâncias Religiosas. Horizonte, Belo*

*Horizonte, v. 8, n. 17, p. 88-108, abr./jun. 2010.*

\_\_\_\_\_. *En el Corazón de la Amazonia: identidades, saberes e religiosidades no regime das águas marajoaras. Tese de Doutorado em História Social. PUC-SP, 2009, p. 45-80.*

\_\_\_\_\_. *À margem dos "Marajós": cotidiano, memória e imagens da "Cidade-floresta" - Melgaço - PA. Belém: Paka-Tatu, 2006, p. 13-24.*

PAES, Maria de Fátima Dias. *Leitura e formação de leitores: percursos e percalços no ensino fundamental. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Universidade da Amazônia, Belém, 2012, p. 16-28.*

SILVA, Joel Pantoja da. *Memórias Tupi em Narrativas Oraís no rio Tajapuru - Marajó das Florestas-PA. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Linguagens e Cultura. Universidade da Amazônia, Belém, 2013, p. 20-31.*

VYGOTSKY, L. S. *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone/EDUSP, 1988.*